

## **Exemplos que entram na alma**

Que ele era um bom pai ninguém podia negar. Se desdobrava em cuidados sobre o berço, tentando revezar com a esposa nas novas tarefas domésticas. Vivia sonhando com o dia em que poderia jogar futebol com o filho ou ensiná-lo a pedalar. Fechava janelas pra evitar correntes de ar e corrigia no ambiente qualquer alteração que pudesse prejudicar o sono ou a saúde da criança.

Aquele bebê realmente despertara nele os afetos mais profundos e gerou nos familiares um sentimento confuso de expectativa, logo seguido pela reprovação de sempre, porque, como motorista, ele continuava terrível.

Ofendia outros condutores à sua frente quando os considerava “lerdos” ou pouco experientes; fazia ultrapassagens no mínimo ousadas, sem jamais sinalizar adequadamente; ignorava semáforos no amarelo, como se esse tipo de atenção fosse totalmente desnecessário; resmungava com a esposa, quando ela reclamava de sua atitude e se vangloriava de saber exatamente onde ficavam os radares em seus trajetos, para só reduzir a velocidade diante deles.

Mas os dias foram se passando e o bebê, cheio de saúde e bons cuidados, cresceu e começou a frequentar a escolinha. Apesar de cansado, ao final do turno na creche, aguardava ansioso que o pai chegasse do trabalho para se sentarem no chão da sala, brincando até que a mãe os chamasse para jantar. Houve a fase dos blocos e quebra-cabeças, dos dinossauros, das bolas e dos bonecos de borracha. E chegou o tempo dos carrinhos de brinquedo com suas pistas e acessórios, que os avós e tios começaram a comprar.

Na primeira vez em que se sentou no chão com o menino pra montar uma dessas pistas e dispor nela os carrinhos para simular com ele o trânsito das grandes cidades, o filho foi silenciosamente à caixa de brinquedos e vasculhou-a até encontrar o que queria. Voltou para a brincadeira portando um bonequinho articulado que usava farda de policial e sorrindo, cheio de inocência e sabedoria alertou o pai, como se o próprio policial estivesse falando:

- Papai não pode fazer errado! Papai não grita e não sacode o carro!

A esposa, que sempre tentava acompanhar as atividades que se desenrolavam no tapete da sala, havia parado de lavar a louça e o olhava boquiaberta.

Daquele dia em diante, um novo motorista desabrochou dentro dele. E cada vez que tinha o impulso de acelerar um pouco mais ou fazer uma conversão proibida, se controlava, olhava sorrindo pro filho ou comentava com seu passageiro o episódio daquela noite:

- Papai não pode fazer errado, né, filho? – numa prova inquestionável do poder que aquele exemplo definitivo e inesperado tivera sobre sua vida.